

desta iniciativa foi, através de edital interno voltado desta vez ao corpo docente e financiado pela Associação Escola da Cidade, criar mais uma instância de produção do conhecimento dentro da instituição, articulando ensino, pesquisa e extensão.

As plataformas foram organizadas como espaços para congregar professores e estudantes pesquisadores, em suas diversas etapas de pesquisa, buscando estabelecer e consolidar agendas sistemáticas de pesquisa e extensão em arquitetura, urbanismo e áreas afins associadas ao ensino especializado nos cursos de Pós-Graduação da Escola da Cidade. Esse processo visava estabelecer bases institucionais em laboratórios de pesquisa com autonomia para acessar, de forma complementar, diversificadas estruturas de financiamento à pesquisa, inserindo-se inclusive em programas regulares de fomento existentes no país, bem como promover articulações com redes acadêmicas nacionais de pesquisa e produção do conhecimento.

Os Relatos de Pesquisa apresentados discutem alguns dos resultados das três Plataformas de Pesquisa que foram estruturadas nessa primeira fase: "Plataforma de Pesquisa nas ruas: territorialidades, memórias e experiências"; "Plataforma de Pesquisa Arquitetura e Biosfera"; "Plataforma de pesquisa Agenciamentos territoriais contemporâneos". Em conjunto esse processo envolveu um corpo de cerca de 38 alunos e profissionais pesquisadores, orientados por 22 professores da Escola da Cidade no desenvolvimento de inúmeros trabalhos de pesquisa e extensão, articulados, do ponto de vista dos seus conteúdos, respectivamente aos cursos de Pós-Graduação: Cidades em Disputa – pesquisa, história e processos sociais; Habitação e Cidade; Mobilidade e Cidade Contemporânea. Essa experiência foi capaz de revelar de forma bastante rica, possibilidades e estratégias, mas também desafios a serem enfrentados para a consolidação de estruturas institucionais mais amplas para viabilizar de forma contínua a pesquisa coletiva na Escola da Cidade. Destaca-se nesse sentido, o desenvolvimento concomitante de atividades de extensão e\ou pesquisa aplicada associadas a uma variedade

de investigações alinhadas com os eixos temáticos dos conteúdos da Pós-Graduação, que revela um processo promissor para ser aprimorado a partir da viabilidade de novas edições de editais de fomentos às Plataformas de Pesquisa na Escola da Cidade.

Diante da variedade dos trabalhos apresentados aqui, só nos resta agradecer a tantos colegas, pesquisadores, orientadores e pareceristas dentro e fora da Escola da Cidade que integraram processos de pesquisa, síntese e elaboração desta publicação tornando possível fechar esse ano com mais essa edição.

ARTIGO

A trajetória de um arquiteto comum: dimensões da prática de Alfredo Porto Alegre (1939-1999)

Adriana Campanili Porto Alegre

Orientação: Profa. Dra. Paula Dedecca (Escola da Cidade)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2023.

Este artigo é uma síntese de uma pesquisa sobre a trajetória profissional do arquiteto Alfredo José Chagas Porto Alegre, que busca abarcar o campo profissional de sua atuação na arquitetura e urbanismo entre meados dos anos 1960 e 1999. Apesar da narrativa trazer as realizações profissionais específicas de Alfredo, meu avô, a discussão não diz respeito unicamente ao resgate de sua história, mas sim a uma tentativa de preencher as lacunas historiográficas dos arquitetos "comuns" que pertencem aos "cânones"

da arquitetura moderna do século xx. Para isso, investiga-se a pluralidade profissional de Alfredo, passando pela sua atuação como arquiteto assalariado, na sua especialização em arquitetura hospitalar, no funcionalismo público e, em paralelo, seu engajamento em instituições de representação profissional, como o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea), o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e o Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: pesquisa documental; arquitetura; representação profissional.

The trajectory of a common architect: dimensions of Alfredo Porto Alegre's practice (1939-1999)

This article is a summary of a research about the career of the architect Alfredo José Chagas Porto Alegre, covering his professional field of work in architecture and urbanism between the mid-1960s and 1999. Although the narrative includes the specific professional achievements of Alfredo, my grandfather, the discussion is not solely about recovering his history, but rather an attempt to fill in the historiographical gaps of "ordinary" architects who do not belong to the 20th century modern architecture canon. The article looks into Alfredo's professional variety, including his work as a contract architect, his specialization in hospital architecture, his work in the public service and, in parallel, his involvement in professional representative institutions, such as the Regional Engineering and Agronomy Council (Crea), the Federal Engineering and Agronomy Council (Confea), and the Rio Grande do Sul Architects' Union.

Keywords: documentary research; architecture; professional representation.

La trayectoria de un arquitecto común: dimensiones de la práctica de Alfredo Porto Alegre (1939-1999)

Este artículo es una síntesis de la investigación sobre la trayectoria profesional del arquitecto Alfredo José Chagas Porto Alegre, tratando de abarcar su campo de actuación profesional dentro de la arquitectura y el urbanismo entre mediados de los años de 1960 y 1999. Aunque la narración incluye los logros profesionales específicos de Alfredo, mi abuelo, la discusión no se centra únicamente en la recuperación de su historia, sino más bien en un intento de llenar los vacíos historiográficos de los arquitectos "comunes" que pertenecen al canon de la arquitectura moderna del siglo xx. Para eso, se explora la diversidad profesional de Alfredo, pasando por su actuación como arquitecto asalariado, su especialización en arquitectura hospitalaria, su trabajo en la administración pública y, paralelamente, su compromiso con instituciones, de representación profesional como el Consejo Regional de Ingeniería y Agronomía (Crea), el Consejo Federal de Ingeniería y Agronomía (Confea) y el Sindicato de Arquitectos de Rio Grande do Sul.

Palabras clave: investigación documental; arquitectura; representación profesional.

O desconhecimento da trajetória de Alfredo Porto Alegre não era só meu. Em uma pesquisa bibliográfica inicial, não foi encontrada qualquer menção nas referências disponíveis sobre a arquitetura brasileira. Não foi uma surpresa, já que eu sabia que ele não fazia parte do "panteão" de arquitetos brasileiros celebrados pela historiografia canônica. Sabia, porém, que ele tinha projetado e construído bastante. Constatada tal lacuna, a estratégia da pesquisa teve, como primeiro passo, o levantamento em fontes documentais primárias, disponíveis em bases digitais e disponibilizadas online.

Pela internet, foram consultados os acervos das seguintes instituições: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Instituto dos Arquitetos do Brasil – São Paulo (IAB-SP), Revista Acrópole, e os jornais gaúchos "Jornal do Povo" e "Zero Hora", além dos principais repositórios de artigos e trabalhos acadêmicos online. Nestes espaços encontrei citações esparsas e algumas poucas notícias de jornais mais consistentes, que foram sistematizadas, mas não permitiam um entendimento estruturado de sua atuação profissional.

Ficou evidente que a pesquisa deveria focar em outras três frentes: no levantamento documental em Porto Alegre, concentrado nos arquivos públicos e das instituições nas quais Alfredo atuou; em entrevistas com testemunhas de sua formação e atuação profissional; e no acervo familiar, especialmente de Léa Porto Alegre, minha avó. Visitei Porto Alegre em setembro de 2022. Durante uma semana, percorri um itinerário intenso de lugares. Visitei a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde meu avô se formou. Depois passei em arquivos públicos, como os da Biblioteca Pública do Estado, Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMOV), Arquivo Municipal de Porto Alegre e Arquivo Estadual do Rio Grande do Sul. Por fim, visitei o Crea-RS, a PUC-RS – onde conheci a Capela e o Hospital São Lucas, dois projetos de autoria de Alfredo –, o IAB-RS e o Sindicato dos Arquitetos do Estado do Rio Grande do Sul (Saergs). Visitei também o escritório Santini e Rocha Arquitetura, onde entrevistei Henrique Rocha, seu parceiro de trabalho e amigo, que me contou muitas histórias sobre

a prática de projeto dos dois. Também conheci os arquitetos Newton Burmeister e Evandro Babu Medeiros, que fazem parte do Saergs. O primeiro participou da idealização e da criação do sindicato junto com meu avô, em 1973, e Babu compõe a atual diretoria.

Com isso, percebi que essa pesquisa não diz respeito unicamente ao resgate da história de meu avô, já que muitas das dificuldades dessa pesquisa são também enfrentadas por outros pesquisadores que se debruçam sobre figuras que não são propriamente "protagonistas" de um tipo de história da arquitetura brasileira que até hoje segue sendo privilegiada pelas publicações de maior circulação. Alfredo Porto Alegre realmente não foi um "gênio" da arquitetura. Como veremos, foi um arquiteto "comum". Começar uma pesquisa sobre esses arquitetos pode se tornar, frequentemente, trabalhar com a ausência de informação, já que, no decorrer de suas trajetórias, a atuação desses profissionais não foi documentalmente registrada e não passou a compor os principais acervos de notícia, os principais arquivos documentais, as pesquisas acadêmicas ou publicações e periódicos de maior circulação. Percebi não haver uma forma certa de pesquisar arquitetos não excepcionais. Este trabalho contou muito com o acervo familiar, mas diversos pontos de sua trajetória não puderam ser esclarecidos.

Em "A ilusão biográfica", Pierre Bourdieu coloca a dificuldade de se pensar um estudo biográfico que não se restrinja às armadilhas de uma narrativa linear, unidirecional, resultado unicamente de escolhas conscientes e coerentes do biografado, independente de suas posições no campo profissional e social e de seus entrelaçamentos relacionais com um leque de possibilidades que se apresentam ou não se apresentam (Bourdieu, 1986, p.69-72). Mais do que isso, não raro a biografia de um arquiteto tende a ser apresentada em sua singularidade. Aqui, a intenção foi no sentido oposto: pensar a trajetória de Alfredo Porto Alegre sobretudo no que tem de semelhante em relação aos seus pares. É nesse sentido que convocamos o atributo de "arquiteto comum", que compartilha muitos enfrentamentos com outros profissionais de seu tempo. Para além da vida de Alfredo, que obviamente



FIG. 1:

Alfredo desenhando na faculdade de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, conhecido por ser canhoto. Fonte: Acervo pessoal de Léa Porto Alegre.

traz questões próprias, a ideia era narrar um perfil e identificar pontos comuns com uma geração de arquitetos e arquitetas que cresceram e se formaram em uma mesma época.

1. AMBIENTE FAMILIAR E ANOS DE FORMAÇÃO

Alfredo Porto Alegre formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1962, fazendo parte da primeira turma que ocupou o edifício construído especificamente para o curso, no campus do Centro Histórico, inaugurado em 1958. Era uma mudança de ambiente construído que acompanhava a reestruturação pedagógica do curso que, anos antes, se tornara independente da escola politécnica e das Belas Artes com a criação da Faculdade de Arquitetura em 1952 (Mello, 2016, p.43). Esse movimento de autonomização não foi exclusivo do cenário

gaúcho: em todo o Brasil, novas faculdades e cursos de arquitetura eram criados, agora independentes institucionalmente de suas raízes politécnicas ou *beaux-artianas*, em sintonia com a afirmação da profissão de arquiteto generalista e de atuação liberal (Durand, 1974).

Em pouco tempo, a geração que estudou e se formou junto com Alfredo Porto Alegre, apesar de alinhada a esse ideário mais canônico da arquitetura moderna presente no novo edifício de ensino, estava em vias de pensar na inclusão de novas agendas programáticas, tendo em vista o ambiente altamente politizado de seus anos de formação. Para além do debate acerca da linguagem arquitetônica, os anos de formação de Alfredo Porto Alegre coincidiram com a intensa atuação no seio da faculdade dos ditos professores comunistas: Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza. Eram todos membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), posteriormente expurgados da UFRGS pela ditadura civil-

militar em 1964, que tiveram grande importância na condução dos debates da faculdade até então (Durand, 1974).

Era um momento no qual se vislumbrava a possibilidade de uma atuação profissional politicamente engajada à esquerda, mais atenta com sua função social e que se colocava a serviço de mudanças estruturais desejadas para o Brasil por grande parte da categoria profissional, sobretudo ao longo do governo de João Goulart e suas perspectivas com as Reformas de Base.

Não temos muitos indícios de como Alfredo Porto Alegre se posicionava em meio a esses debates, ainda que, como veremos mais para frente, seja possível imaginar certo alinhamento com essa tendência à esquerda, tendo em vista suas parcerias após formado e sua atividade nas associações profissionais nos anos 1970. No entanto, Alfredo era, sobretudo, segundo seu colega de faculdade José Albano Volkmer, um "apaixonado por arquitetura". Volkmer, em um artigo de homenagem póstuma, reaviva suas lembranças dos tempos de graduação e como o então calouro Porto Alegre andava pelas ruas do centro "com a inconfundível régua Tê e o chapéu dos bichos" da arquitetura da UFRGS (Volkmer, 1999, p.8).

Em 1962, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo formou 49 arquitetos, entre eles Alfredo Porto Alegre. Um ano depois, em 1963, Alfredo prestou concurso público para desenhista na Secretaria de Obras e Viação, seguindo os passos de seu pai, que teve atuação forte na vida pública. Trabalhou no Palácio Piratini até 1964, quando foi realocado de seu cargo por conta do novo regime autoritário.

Nesse mesmo ano, continuou sua formação em licenciatura na Faculdade de Filosofia da UFRGS e tornou-se professor de desenho no Colégio Anchieta, onde tinha estudado anos antes.

2. ARQUITETO ASSALARIADO EM GRANDES INSTITUIÇÕES DE ENSINO (SENAC, 1966-1973; PUC-RS, 1971-1980)

O início da trajetória profissional de Alfredo Porto Alegre se deu numa época de repressão. É um contexto que afetou todas as relações, inclusive a categoria dos arquitetos, mesmo que não seja uma frente

de análise extensamente percorrida pelas pesquisas acadêmicas até o presente. Ainda que não trate do cenário gaúcho, Victor Próspero conta como esse momento se deu na capital paulista e como a circulação de discursos arquitetônicos nos anos de 1960 se relaciona com a reprodução de determinadas noções de arquitetura que constituem parte significativa da paisagem cultural e construída da metrópole, bem como com permanências, interrupções e revisões da ideia de modernidade, do papel do arquiteto e da cultura arquitetônica vigente no pré-golpe civil-militar, sobretudo da possibilidade do desenho como "portador de um projeto social" (Próspero, 2018).

Se alguns arquitetos se locomovem, nesse momento, em uma área mais experimental, encarando pequenos projetos como laboratórios de novas vivências e formas, outros consolidam sua prática profissional em obras de maior porte, que caracterizaram a intensificação da construção civil, centrada em um projeto de modernização e em uma aposta na integração nacional a partir do investimento em infraestruturas e equipamentos em rede (Segawa, 2014). Esse segundo modo de atuação parece ser o de Alfredo Porto Alegre quando assumiu o cargo de arquiteto de edificações como contratado no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio Grande do Sul (Senac-RS), em 1966, como diretor da Divisão de Treinamento da Administração Regional. Criado vinte anos antes, em 1946, o Senac tinha como objetivo aperfeiçoar nacionalmente o ensino profissionalizante no setor terciário, com ênfase na descentralização, interiorização e criação de rede (Segawa, 2014).

Nesse primeiro momento no Senac, Alfredo Porto Alegre teve uma participação em suas esferas organizacionais e corporativas. Quatro anos depois, em 1970, tornou-se diretor da Divisão Técnica, Fiscalização de Obra e Assessoramento dos projetos de construção. No cargo, teve dois grandes projetos construídos que assinou como arquiteto responsável: as escolas Senac João Duhá e Senac Caxias do Sul, essa última incluindo um teatro também de sua autoria.

Como diretor no Senac, Alfredo Porto Alegre estabeleceu seu primeiro contato profissional com Vítor Führmeister, sócio

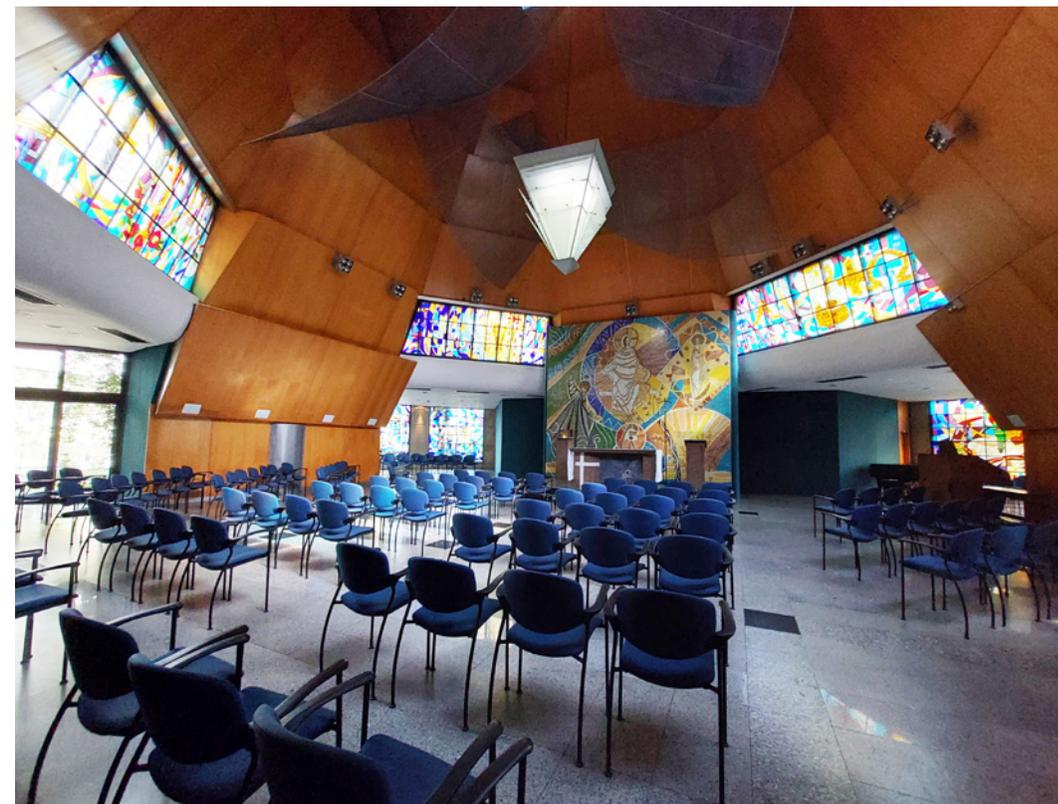


FIG. 2:

Igreja Cristo Mestre, set. 2022. Fonte: Acervo pessoal de Adriana Porto Alegre, set. 2022.

da Construtora Cefa, responsável pelas obras do Senac Caxias do Sul. Em 1971, a parceria se consolida em um estudo do programa de necessidades e de composição arquitetônica para o Hospital da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), instituição com a qual a construtora já tinha contrato firmado pela empreitada. A equipe da Cefa, em companhia de Alfredo, foi assessorada pelo Dr. Clóvis Francisconi, médico consultor na área de planejamento e administração hospitalar. É o primeiro encargo de Porto Alegre numa área que se tornaria uma de suas especialidades.

Em 1972, foi assinado o contrato entre Porto Alegre e a PUC-RS para o desenvolvimento do projeto e coordenação do novo hospital. Apesar do partido arquitetônico geral do hospital se alinhar com o racionalismo e as estruturas pré-moldadas, características de grande parte das arquiteturas de infraestrutura pensadas nos anos 1970, era o projeto de seus espaços interiores que ganhava repercussão nas notícias sobre o novo edifício. A modulação

encontrada na arquitetura externa do edifício foi reproduzida nos ambientes internos projetados.

O Hospital Universitário da PUC foi dividido em três agrupamentos: os ambulatórios e salas de aula da faculdade, primeira parte construída; os serviços gerais; e, por fim, o hospital propriamente dito, com capacidade de 350 leitos. Foi inaugurado em 29 de outubro de 1976 durante a visita do então presidente Marechal Ernesto Geisel (Clemente, 2002, p.225).

Foi ao longo do processo de projeto e construção do hospital, em 1973, que Alfredo Porto Alegre se tornou funcionário efetivo da PUC-RS, concentrando sua prática profissional exclusivamente na atuação dentro da instituição, onde também exerceria a função de diretor do hospital, cargo que normalmente não é ocupado por arquitetos.

Alfredo foi responsável também por outras edificações do campus da PUC-RS: o prédio de administração da Escola Profissional Champagnat (1974), o prédio central de aulas nº15 (1976) e a capela (1977). Apesar de não



FIG. 3: Planejamento urbano reuniu arquitetos. Fonte: Barbosa, dez. 1990.

ter tanto destaque quanto o hospital e a capela, o prédio central de aulas foi muito importante para as dinâmicas da instituição. Com 9.400 m² de área construída, o edifício abrigava mais de sete mil alunos, entre eles graduandos de matemática, educação e pós-graduandos em pesquisa e ensino.

Junto com o hospital, a capela foi o projeto que ganhou destaque, não só dentro da PUC, mas na trajetória profissional de Porto Alegre. O nome de Alfredo acompanha as primeiras notícias da idealização da Capela Universitária, em 1974 (Rauch, 1974). A construção em concreto tem a forma de uma pirâmide hexagonal, possui uma área interna de 280 m², com grandes janelas, quatro entradas para o público e uma entrada para o sacerdote. O projeto foi assinado pelo próprio Alfredo, com supervisão técnica do engenheiro Ildo Candiott (Correio do Povo, 1977). Percebe-se no projeto um distanciamento da racionalidade e da sobriedade praticadas nos projetos anteriores do arquiteto. A capela traz uma liberdade formal, no uso da volumetria e dos materiais, que parece estar diretamente associada ao uso do edifício



FIG. 4: Alfredo e a família na casa de praia, em Imbé-RS, em 1999. Essa é uma das únicas fotos minha e da minha irmã com meu avô. Fonte: Acervo de Léa Porto Alegre.

que, diferentemente dos projetos escolares e hospitalares, abria a possibilidade de experimentação em prol de uma conexão com suas intenções simbólicas e de culto.

Em 1999, a capela foi ampliada. Os arquitetos selecionados para esse projeto de reforma foram Henrique Rocha e Cícero Santini, que continuaram a trabalhar na universidade após o desligamento de Alfredo, em 1980. Segundo Rocha, o projeto procurava manter as características originais da capela, buscando resolver questões de conforto sem a perda de sua identidade (Revista da PUC, 1999). Nesse mesmo ano, Alfredo Porto Alegre faleceu, não sem antes fazer um croqui com ideias de volumetria para o novo espaço.

3. REPRESENTAÇÃO PROFISSIONAL, DO CREA-RS (1969-1973) AO SAERGS (1969-1979)

No ano seguinte à sua contratação no Senac, Alfredo Porto Alegre ingressou no quadro de gestão do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado

do Rio Grande do Sul (Crea-RS), em 1967, como conselheiro efetivo, representando o departamento do Rio Grande do Sul do IAB (CREA-RS, 1976). O sistema Crea-Confea, composto por entidades autárquicas de âmbito regional e federal, respectivamente, tinha a finalidade de regulamentar e fiscalizar o exercício e as atividades profissionais da engenharia, da arquitetura e da agronomia (CREA-RS, 2017).

Desde a regulamentação da profissão, em 1933, e sua quase nula distinção em relação às atribuições do engenheiro civil, os arquitetos vão construir uma relação intrínseca, porém sempre conflituosa, com o Crea, no embate por um desenho legal e institucional independente de sua prática e de sua cultura profissional. No fim dos anos 1960, após um momento de entusiasmo com as possibilidades que a responsabilidade da construção de Brasília trazia para esse embate por distinção, os arquitetos novamente perdiam a voz frente ao poder político repressor e à sociedade civil (Coutinho; Rodrigues, 2009).¹

Nesse sentido, é interessante pensar que, com apenas um ano de casa, em 1968, Porto Alegre tenha sido eleito vice-presidente do Crea-RS e, em 7 de junho de 1969, por conta da renúncia do então presidente engenheiro civil Léo Carlos Mazzini, tenha passado a exercer a presidência da entidade. Era o primeiro arquiteto a assumir o posto no Rio Grande do Sul, o que mais uma vez indica sua habilidade política e, muito possivelmente, a construção de uma vasta rede de sociabilidade profissional e não profissional. Cinco meses depois, Alfredo foi eleito por unanimidade presidente para um novo mandato para o triênio de 1970 a 1972. Tomou posse em janeiro de 1970, sendo o mais jovem presidente da entidade até a ocasião.

No relatório de fechamento da presidência, encerrado o mandato de Porto Alegre, é possível notar o enfoque nas características de eficiência de sua gestão. O arquiteto afirmava sua "confiança inabalável nas profissões aqui congregadas" (Porto Alegre, 1973, p.1-2); louvava o fato de ter alcançado "um alto índice de rentabilidade nas tarefas desenvolvidas", de ter rompido "com o classicismo administrativo" e de ter implantado "métodos de administração científica, os mais avançados no momento". Como veremos no decorrer deste trabalho,

esse foco de Porto Alegre no bem gerir, na aposta em procedimentos eficientes e no manejo científico de instituições será um traço seu característico, constantemente apontado por seus pares, bem como notável nos mais variados momentos de sua trajetória.

Em 1973, foi assinada a Carta Sindical para a criação do Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul (Saergs), uma movimentação na qual o arquiteto teve papel importante tanto na criação da entidade, como na composição de sua primeira diretoria como vice-presidente.

A criação do sindicato era resultado de tratativas iniciadas quatro anos antes, em 1969, quando foi formada a Associação Profissional dos Arquitetos de Porto Alegre (APA) (Brasil, 1943). Foi uma movimentação que se deu logo após a derrota dos arquitetos nas disputas por novos contornos de uma nova regulamentação profissional em nível federal, aprovada em 1966, mas que, novamente, regulava a prática sem dar garantias e funções exclusivas aos arquitetos (Vidotto, 2020).

O movimento de sindicalismo na arquitetura nasce dentro do IAB, com a intenção de pensar uma entidade que trabalhasse nas negociações entre capital e trabalho e em defesa dos arquitetos assalariados, um tipo de atuação profissional que se ampliava substancialmente nesses anos e que estabelecia uma disputa na qual o instituto não tinha competência legal para atuar (Mello, 2014). Justamente, em 1968, no 7º Congresso Brasileiro de Arquitetos, por conta do surgimento dessas novas formas de atuação e de problemáticas decorrentes que extrapolavam a pauta do IAB, se decidiu pela criação de sindicatos de arquitetos em todos os estados do país (Dedeca, 2018).

Para a trajetória profissional de Alfredo, fazia sentido a participação no processo de criação do Sindicato dos Arquitetos. Para além de sua atuação no funcionalismo público, sua carreira se baseou por muitos anos no assalariamento, como um profissional contratado no Senac, na PUC-RS e na Intarco, como veremos adiante. É dele a solicitação de que constasse na ata de criação do sindicato que a associação deveria promover "no menor prazo possível sua transformação em sindicato" (Arquivo SAERGS, Ata de fundação, dezembro de 1969).

Essa reunião ocorreu no final de 1969, ou seja, um ano após o decreto do Ato Institucional nº 5 que marcava um período de endurecimento da repressão na Ditadura Civil-Militar. Essa movimentação dos arquitetos gaúchos não passou despercebida pelos órgãos de controle de governo e, segundo Vidotto (2020), pode ser descrita como um ato de coragem por conta do momento político.

Em seus objetivos declarados, a criação dessas instituições era uma resposta ao que interpretavam ser um pequeno papel e uma posição pouco relevante do arquiteto na sociedade e sua consequente desvalorização. Assim, as ações institucionais propunham o desenvolvimento de políticas interinstitucionais de valorização profissional do indivíduo arquiteto, sobretudo entre sindicatos, associações e o IAB. Nesse contexto, elas trabalhavam para uma ampla divulgação de tais insatisfações, bem como construiriam conjuntamente as frentes de ação para mudança desse cenário.

Em 9 de novembro de 1973, foi oficialmente criado o Saergs. A solenidade de entrega da carta sindical ocorreu em 15 de janeiro de 1974, quando foram realizadas as eleições para a primeira diretoria da entidade, com mandato de três anos. Alfredo Porto Alegre foi eleito vice-presidente.² Era um desafio duplo: construir o sindicato e fazê-lo em meio ao regime militar.

A partir de relatórios confidenciais de investigação produzidos pelo Ministério da Justiça e pelo Departamento da Polícia Federal da Superintendência do Rio Grande do Sul, hoje disponibilizados no Arquivo Nacional, é possível entender como esses profissionais eram avaliados aos olhos do Estado repressor. Neles, há um perfil de membros associados à primeira formação do sindicato (Ministério da Justiça, 1977), como Cesar Dorfman, Carlos Max Moreira Maia, Claudio Casaccia, entre outros.

Alfredo Porto Alegre é citado no arquivo algumas vezes. A primeira citação é unicamente para registro, já que era novo para a investigação, considerando que outros integrantes já eram figuras monitoradas. Alfredo, portanto, até esse momento, não chamava a atenção por sua

atividade de militância. É como candidato ao sindicato que se torna uma figura relevante para a vigilância. No entanto, seu breve perfil não mencionava nada além de seus dados públicos conhecidos, com a exceção de um processo em seu nome que corria referente a uma disputa imobiliária. Era uma condição distinta à de muitos de seus pares na composição do sindicato, figuras como Clóvis Ilgenfritz, Claudio Casaccia, Newton Burmeister, José Guilherme Piccoli e Carlos Mac Rosário, descritos como “conhecidos da AI” e acusados de participar de confraternizações políticas, sobretudo dentro da UFRGS. Segundo o mesmo relatório, chamava atenção o fato da maioria dos candidatos ao pleito no Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul possuírem “antecedentes esquerdistas”.

Ainda que a atuação política dos membros do sindicato fosse conhecida, a criação desse espaço era um movimento tolerado pois, se para os arquitetos cumpria o papel de avaliar o direito de reunião, em teoria ao redor da pauta profissional, para o governo era interessante o sentimento de dar permissão ao direito sindical, como uma forma de controle.

Alfredo fez parte do Sindicato dos Arquitetos por onze anos, contando os seis anos de associação. Na segunda diretoria do Saergs, triênio 1977-1980, ocupou o cargo de Delegado Representante Suplente. Depois de 1980 não aparece nos registros de diretorias, apesar de continuar filiado, segundo depoimento de familiares. Para Porto Alegre, o início dos anos 1980 foi marcado pela mudança para a cidade de São Paulo.

4. ARQUITETURA HOSPITALAR (INTARCO E APA), 1980-1999

A experiência da PUC, em especial no processo de concretização e gestão do hospital, foi a entrada de Alfredo Porto Alegre no ramo da arquitetura hospitalar, que abarcava, no seu caso, além do projeto da edificação propriamente dito, uma atuação na construção e em consultorias sobre a administração de tais empreendimentos.

Porto Alegre, em certo momento de sua trajetória, apostou na especialização de sua prática, focando na arquitetura hospitalar. Essa estratégia pode ser vista como um movimento comum de sua geração. No caso de Alfredo, a prática de gestor também pode ser pensada como uma especialidade que permeou quase todos os seus trabalhos. De fato, o campo profissional do período de formação de Porto Alegre é marcado por uma expansão dos modos de atuação para além do registro habitual e mais legitimado do arquiteto liberal, da prática de ateliê, centrado na produção da arquitetura a partir da lógica do gênio. Esse campo se abria para uma prática mais normatizada, normalmente orquestrada em equipe, sem necessariamente um único nome assumindo a autoria dos projetos. Mais do que isso, era uma geração que se abria para o trabalho assalariado, para o funcionalismo público e para uma prática mais especializada (Durand, 1974).

É interessante pensar que a dificuldade de encontrar elementos sobre a trajetória de Porto Alegre possa ter relação com seu modo de atuação, seja como arquiteto assalariado de grandes instituições, seja como arquiteto inserido no nicho do projeto hospitalar. Ao longo da pesquisa, foram encontradas pouquíssimas pesquisas, por exemplo, sobre o papel da PUC e do Senac como promotores de ambientes construídos por todo o território brasileiro. No entanto, apesar de não estar nos espaços clássicos de legitimação, Porto Alegre projetou ou foi consultor de mais de trinta projetos do gênero, contribuindo substancialmente para a história desse programa arquitetônico.

Em 1976, Porto Alegre é convidado para uma estadia na capital paulista a fim de conhecer as instalações e a equipe da Intarco. Porém, apenas em outubro de 1977 começam os contatos mais constantes entre a construtora e Alfredo com foco em trabalhos de consultoria hospitalar. Nessas conversas aparece, pela primeira vez, a possibilidade de uma mudança do profissional para São Paulo, sede da empresa. A ideia inicial era que Porto Alegre participasse dos estudos de elaboração de projetos sob responsabilidade da Intarco, sendo um consultor dos arquitetos que já atuavam

por lá. Também participaria da formulação de programas de necessidade e de estudos preliminares de tais projetos hospitalares (Langerhorst, 1977).

Nesse mesmo ano, 1977, é convidado pela Associação Médica do Japão para participar de sua 29ª Assembleia Mundial de Tóquio. Assim, viaja até o Japão representando os países latino-americanos como diretor administrativo do Hospital da PUC-RS, relação da qual abre mão, oficialmente, apenas em 1980.

Em 1978, é solicitada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) (Oliveira, 1978), através do Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior (Premesu), a consultoria de Porto Alegre para o detalhamento e acompanhamento do Projeto 703, que consistia na reestruturação da organização do Hospital de Clínicas conveniado da Universidade (Porto Alegre; Simionato, s.d.).

É no início de 1980 que começa gradualmente a se desligar da PUC-RS para atuar exclusivamente na área hospitalar (Porto Alegre, 1980). Em junho de 1980, estava à disposição para assessorar tecnicamente a Universidade Federal de Alagoas, que agora fazia uma requisição semelhante à da UFS. Nesse mesmo ano, o arquiteto é convidado formalmente para assumir a função de Gerente do Departamento de Projetos Cívicos da Intarco, e assim se transferir para São Paulo (Intarco, 1980).

Foi um tempo curto de permanência na cidade, que coincidiu com o período de sua atividade assalariada na Intarco, dois anos. Em 1983, retorna para a capital gaúcha, momento no qual funda a APA Administração, Consultoria e Projetos Ltda, empresa especializada em planejamento, arquitetura e administração na área de saúde. Os trabalhos de Alfredo pela APA se deram até sua morte, em 1999.

Uma parte da trajetória de Alfredo Porto Alegre é exemplar de um modo de atuação que se tornou comum para uma geração de arquitetos formada ao longo dos anos de 1960 no Brasil: a especialização e o assalariamento. Porém, não se restringe a isso, a multiplicidade de projetos arquitetônicos realizados na parte projetual, a mudança de rotas e de empregos, também são características

de profissionais de arquitetura que se deparavam com um campo de atuação muito mais complexo do que o que estruturara, entre os anos de 1940 e 1950, um ideal da prática no Brasil. Ao final de sua trajetória, Alfredo ainda retornou ao funcionalismo público.

5. FUNCIONALISMO PÚBLICO NA GESTÃO METROPOLITANA (1983-1991)

Em paralelo a sua atuação na APA, o retorno de Alfredo a Porto Alegre foi marcado pela retomada dos trabalhos junto ao poder público municipal e estadual. Assim, o arquiteto se reapresentou ao funcionalismo do Estado do Rio Grande do Sul, do qual tinha se afastado desde 1964, ao se licenciar do cargo de desenhista na Secretaria de Obras e Viação, no mesmo ano. Não foram encontrados documentos que justifiquem a saída dele dos trabalhos junto ao funcionalismo público nos anos 1960. Se é certo que tal opção coincide com o início dos trabalhos no Senac, também é plausível considerar que essa migração para o assalariamento privado esteja relacionada ao início do regime militar.

O retorno de Porto Alegre ao serviço público se deu em 1983, logo após a redemocratização dos estados, representada pela eleição direta para governador. No caso do Rio Grande do Sul, foi eleito Jair de Oliveira Soares, em 1982. Em 1979, ainda durante a ditadura, é sancionada a Lei nº 6.683, conhecida como Lei de Anistia, que atendia à necessidade de reintegração dos trabalhadores. Uma das categorias anistiadas foram os servidores públicos, que tinham a possibilidade de reversão, retorno ao serviço ou aposentadoria (Gonçalves, 2008, p.40). Esse foi o caso de Porto Alegre, que teve a reintegração ao serviço público junto à Secretaria do Interior, Desenvolvimento Regional e Obras Públicas.

Em dezembro de 1983, é solicitado ao Secretário do Interior, Desenvolvimento Regional e Obras Públicas, que o arquiteto Alfredo Porto Alegre fosse cedido para integrar a equipe da Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional – Metroplan (1983). O arquiteto foi alocado na fundação como Coordenador da Gerência de Apoio Comunitário.

A Metroplan era responsável pela elaboração e coordenação de planos, programas e projetos do desenvolvimento regional e urbano do Estado do Rio Grande do Sul. Seu objetivo, à época, era promover o desenvolvimento integrado entre os municípios, principalmente na Região Metropolitana de Porto Alegre (Metroplan, 2023). Em 1987, a Metroplan integrou a Comissão de Planejamento da Municipalização de Saúde em Porto Alegre, destacando Alfredo como seu representante na elaboração do Plano Municipal de Saúde da capital (Secretaria Municipal, Of nº 871, de dezembro de 1987).

Além da Metroplan, Porto Alegre compôs a Superintendência de Desenvolvimento Urbano (Surban), como superintendente geral e chefe de gabinete. Eram, novamente, posições de poder, agora em um espaço institucional interessado na capacitação dos municípios para enfrentamento do planejamento urbano nessa nova chave, apostando sobretudo na gestão e no treinamento dos quadros de funcionários especializados de cada localidade.

Alfredo Porto Alegre continuou na Metroplan até os anos 1990, quando pede licença do cargo por motivo de ordem particular (Porto Alegre, 1990). As ações de Alfredo Porto Alegre no poder público, mesmo que durante um curto período, de 1983 a 1991, parecem ter sido relevantes em sua trajetória. Com apenas sete anos de atuação, ganhou a medalha de Mérito do Serviço Público.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de lacunas e de muitos outros possíveis caminhos de investigação terem se mostrado possíveis a partir desse esforço inicial, foi possível criar um panorama da atuação profissional de Alfredo Porto Alegre na arquitetura. Se eu tivesse que apresentá-lo, agora, ao final desse processo, diria que Alfredo foi um arquiteto que se formou poucos anos antes do golpe militar e teve o início de sua atuação profissional em meio a esse regime, apenas os dez últimos anos de atuação foram em meio à redemocratização. Não fez carreira em um único lugar, mas sim em uma multiplicidade

de cargos e empregos, com áreas de atuação e atribuições variadas.

Não se pode falar que Alfredo teve uma carreira de nicho ou especializada. Apesar de ter trabalhado muitos anos com arquitetura hospitalar, atuou em diversos outros campos. Exerceu funções que foram além do escopo esperado de atuação de um arquiteto e urbanista, desempenhando cargos de gestão e consultoria em áreas distantes das questões envoltórias ao projeto de edificações hospitalares. A gestão, criação de quadros e de processos eficientes acompanharam sua trajetória do início ao fim, assim como sua habilidade política desenvolvida em muitas das esferas onde atuou. Essa, talvez, pode ser identificada como a característica que permeia todo seu percurso profissional: grande parte das conquistas de Alfredo se deram por sua habilidade diplomática e suas redes sociais – o que não se opõem às suas competências profissionais e à qualidade de seu trabalho como arquiteto. Por outro lado, ao se afastar de uma prática mais liberal associada ao exercício da arquitetura em pequenos escritórios, e se aproximar de um modo de atuação assalariado, seja no âmbito público ou privado, e de uma inserção profissional em campos de projetos mais especializados, ele se torna um “arquiteto comum”, já que compartilha com tantos outros de sua época tal escolha de caminho.

Como fazer uma pesquisa documental de um profissional que, até então, quase não tinha informações disponíveis nos caminhos convencionais de pesquisa foi uma questão que permeou todo o desenvolvimento do trabalho. O estudo partiu da quase total ausência de informação e chegou em um lugar onde é possível ter um panorama rico da atuação profissional de Alfredo Porto Alegre.

Tive a oportunidade, através deste trabalho, de conhecer meu avô sob a ótica profissional e fico muito feliz com a quantidade de coisas que aprendi sobre ele e através dele, entendendo-o como um profissional que representa a trajetória de tantos outros e que ao mesmo tempo traçou um caminho único. Percorrer sua trajetória é, de algum modo, partir de um momento histórico mais apresentado ao longo da graduação, passar por um período histórico ainda pouco

estudado, e chegar quase ao momento contemporâneo da profissão.

Meu avô faleceu em setembro de 1999, meses antes de completar 60 anos. Eu tinha apenas um ano de idade e só tive a oportunidade de estar com ele uma vez. Ainda que nossa convivência tenha sido curta, fazendo este trabalho me senti muito próxima dele.

NOTAS

1. As entidades de classe e as instituições de ensino desempenham um papel importante de representação no Crea.
2. Primeira Diretoria do Sindicato Saergs. Nesta diretoria também estavam os suplentes Iventon Porto Torres, Antônio Carlos Manier Rasso, Herbertho Luiz Brandão, Caio Tácito Rauber, Cesar Dorfman e Nestor Torelly Martins; os conselheiros fiscais Oscar Souza Trindade, Renzo Antônio Franceschini e Carlos Marc Rosário; os conselheiros fiscais suplentes David Léo Bondar, Newton Burmeister e Edenor Buchholz; os delegados representantes, que eram o presidente Clóvis, e o vice Alfredo; e por último os delegados representantes suplentes Jorge Decken Debiagi e Ivan Gilberto Borges Mizoguchi. Boletim do Sindicato dos Arquitetos no Estado do R. G. do Sul, ano 1, n.2, jan. 1974.

REFERÊNCIAS

- APA. **Portfólio APA Administração, Consultoria e Projetos Ltda.** Os serviços prestados pela APA, Porto Alegre, 1983.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Arquivo Confidencial do Ministério da Justiça**, Departamento de Polícia Federal – Superintendência Regional do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1 abr. 1977. Arquivo Nacional, APA ACE 9397.
- ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS ARQUITETOS DE PORTO ALEGRE. **Ata de fundação da Associação Profissional dos Arquitetos de Porto Alegre, realizada no dia 3 de dezembro de 1969.** Arquivo Saergs.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.62-63, p.69-72, 1986. Trad. Olívia Alves Barbosa.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.452 de 1 de maio de 1943.** Aprova e consolida as leis de trabalho referentes a criação e organização sindical. Site Portal Câmara dos Deputados, Diário Oficial da União - Seção 1 - 9/8/1943.
- CLEMENTE, Faustino João Elvo. **História da PUC-RS**, v.2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- COUTINHO, Cláudia; RODRIGUES, Eladir Andrade. **História de trabalhos e credibilidade:** engenharia, arquitetura e agronomia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Crea-RS, 2009. Livro Comemorativo Crea-RS 75 anos.
- CREA-RS. **Manual do Inspetor.** Porto Alegre: Crea-RS, 2017.
- OLIVEIRA, Anselmo. **Unidade de Assistência Técnica.** Universidade Federal de Sergipe, of. nº 087/78/UAT/ETA, Sergipe, 5 dez. 1978.
- PRÓSPERO, Víctor Piedade de. **Continuidades e impasses no campo da arquitetura:** São Paulo de 1964 a 1976. Enanparq, São Paulo, 2018.
- DEDECCA, Paula Gorenstein. **Arquitetura e engajamento:** o IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, disponível no acervo online da Universidade. Orientador: José Tavares Correia de Lira. São Paulo, 2018.
- CAPELA DA PUC será inaugurada por Dom Vicente. Acervo

físico Léa Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 maio 1977.

CAPELA UNIVERSITÁRIA será ampliada. Acervo físico Biblioteca PUC RS. **Revista da PUC**, Caderno de patrimônio, 1999.

SOLENIDADE DA ENTREGA da medalha ordem do mérito do serviço público. Acervo Léa Porto Alegre, Porto Alegre, 31 out. 1990. 1 fotografia, pb, 20cm x 25cm..

DURAND, José Carlos Garcia. **A profissão de arquiteto:** estudo sociológico. Rio de Janeiro: Artep, 1974.

ROCHA, Henrique. **Entrevista realizada por Adriana Porto Alegre.** Sede do Santini e Rocha Arquitetos, Porto Alegre, 28 set. 2022.

MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. **Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul:** Memórias de quatro décadas (1973-2013). Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2014.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. Os processos de anistia política no Brasil: do perdão à “reparação”. **Revista de Ciências**, v.39, 2008.

INTARCO. **Ata de reunião Intarco e Alfredo.** 1 dez. 1980.

LANGERHORST, Engenheiro. **Carta a Alfredo.** Companhia de Planejamento Técnico Intarco, n/ref 7.07.28.2.204/77/RL/ma, 7 out. 1977.

MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. **O urbanismo dos arquitetos:** genealogia de uma experiência de ensino. 2016. Tese (Doutorado na Faculdade de Arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2016.

METROPLAN – Fundação Metropolitana de Planejamento Metropolitano e Regional. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Site oficial do órgão, 2023. Disponível em: <http://www.metroplan.rs.gov.br/>.

NUNES, Livia Fernanda Ribeiro. **Os cinco professores comunistas:** Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza. Dissertação de Mestrado no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS (Propar), Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

OF.RG 556/83. Fundação Metropolitana de Planejamento Metropolitano e Regional. Metroplan. 8 dez. 1983.

PORTO ALEGRE, Adriana. **Igreja Cristo Mestre.** Fotografia, Porto Alegre, setembro, 2022.

PORTO ALEGRE, Alfredo; SIMONATO, Robério. **Relatório de Consultoria,** feito por Robério Simionato e Alfredo Porto Alegre. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Universitários.

PORTO ALEGRE, Alfredo. **Carta de demissão homologada de Alfredo Porto Alegre para o superintendente Ir. José Pasin,** 1980.

PORTO ALEGRE, Alfredo. **Curriculum Vitae.** Porto Alegre. Acervo pessoal.

PORTO ALEGRE, Alfredo. **Dispensa de função.** Carta para Assis Sanכותene. Porto Alegre, 3 abr. 1990. Acervo pessoal.

RAUCH, Irmão Norberto. **Of. Tc 64/74 Carta do Setor Técnico Científico da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 30 maio 1974.

SAERGS. Primeira Diretoria do Sindicato. **Boletim do Sindicato dos Arquitetos no Estado do R. G. do Sul,** ano 1, n.2, jan. 1974.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE E SERVIÇO SOCIAL. Gabinete do Secretário. **Of. nº 871,** Porto Alegre, 30 dez. 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: Edusp, 2014.

VIDOTTO, Taiana Car. **O papel das instituições representativas dos arquitetos no Estado de São Paulo durante o regime militar (1964-1985).** 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1129046>.

VOLKMER, José Albano. Arquiteto Alfredo José Chagas Porto Alegre – APA. **Jornal do Crea,** Porto Alegre, set. 1999.

SOBRE A AUTORA

Adriana Campanili Porto Alegre é arquitetura e urbanista formada pela Escola da Cidade. Esta pesquisa integra o Trabalho de Conclusão de Curso realizado entre o segundo semestre de 2022 e fevereiro de 2023, sob orientação da professora Paula Dedecca.

dri.portoalegre@gmail.com

ARTIGO

A influência do arquiteto Lelé na industrialização da arquitetura

Thomas Ramos Prado Zavitoski

Orientação: Prof. Ms. Erick Rodrigo da Silva Vicente (USJT)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade São Judas Tadeu, 2023.

A industrialização da arquitetura está associada à organização, racionalização, produção em série e pré-fabricação de elementos construtivos. Ao utilizar elementos pré-fabricados, uma obra não necessariamente fará parte de uma produção industrial, embora o uso desses elementos possa contribuir em inúmeras etapas e características de uma construção; entre elas, e uma das mais importantes, a racionalização, capaz de diminuir o desperdício de materiais na obra e a geração de entulhos. No entanto, a precisão construtiva, o tempo menor na execução, o canteiro organizado e a flexibilidade e extensibilidade do edifício são fatores que

fazem com que a industrialização seja um modelo construtivo favorável. Um expoente desse pensamento no Brasil foi João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé (1932-2014), cuja jornada se inicia na construção de Brasília, com os pré-fabricados em concreto armado. Com essa experiência, reconhece que elementos mais leves e fáceis de transportar poderiam ser a melhor maneira de levar a industrialização para regiões mais afastadas e carentes, que precisavam de equipamentos urbanos e instalações públicas. A junção de elementos metálicos e em argamassa armada possibilita ao arquiteto desenvolver projetos em escalas maiores, com grandes proporções e em diferentes formas.

Palavras-chave: industrialização; pré-fabricação; racionalização.

The influence of architect Lelé on the industrialization of architecture

The industrialization of architecture is associated with the organization, rationalization, series production, and prefabrication of construction elements. By using prefabricated elements a work will not necessarily be part of an industrial production process, although the use of these elements can contribute to numerous stages and characteristics of a construction; among them, and one of the most important, rationalization, capable of reducing the waste of materials on a construction site and the generation of debris. However, the construction precision, the shorter execution time, the organized construction site, and the flexibility and extensibility of the building are factors that make industrialization a favorable construction model. An example of this reasoning in Brazil was João da Gama Filgueiras Lima, known as Lelé (1932-2014), whose journey began in the construction of Brasília, with prefabricated reinforced concrete. Through this experience, he realized that lighter and easier transport elements could be the best way to take industrialization to more remote and poor regions that required equipment: urban areas and public facilities. The combination of metallic and reinforced mortar elements enables the architect to develop projects on larger scales with large proportions and in different shapes.

Keywords: industrialization; prefabrication; rationalization.

La influencia del arquitecto Lelé en la industrialización de la arquitectura

La industrialización de la arquitectura está asociada a la organización, racionalización, producción en serie y prefabricación de elementos constructivos. Al utilizar elementos prefabricados una obra no necesariamente formará parte de una producción industrial, aunque el uso de estos elementos puede contribuir a numerosas etapas y características de una construcción; entre ellas, y una de las más importantes, la racionalización, capaz de reducir el desperdicio de materiales en obra y la generación de escombros. Sin embargo, la precisión constructiva, el menor tiempo de ejecución, la organización del solar de construcción y la flexibilidad y extensibilidad del edificio son factores que hacen de la industrialización un modelo constructivo favorable. Un exponente de este pensamiento en Brasil fue João da Gama Filgueiras Lima, conocido como Lelé (1932-2014), cuya jornada se inicia en la construcción de Brasília, con prefabricados de concreto armado. Con esta experiencia, reconoció que elementos más ligeros y fáciles de transportar podrían ser la mejor manera de llevar la industrialización a regiones más remotas y carentes, que necesitaban equipamientos urbanos e instalaciones públicas. La combinación de elementos metálicos y de mortero armado permite al arquitecto desarrollar proyectos a mayores escalas, con grandes proporciones y en diferentes formas

Palabras clave: industrialización; prefabricación; racionalización.